

artigo

Desindustrialização no Grande ABC

As relações de trabalho mudaram. Humanos estão sendo substituídos por máquinas com inteligência artificial; as reuniões presenciais foram transformadas em encontros virtuais, realizados no escritório de sua casa; e as grandes empresas, que ocupavam prédios imponentes em centros econômicos, agora suprem o trabalho presencial pelo *home office*. A pandemia da Covid-19 só fez acelerar um fenômeno já esperado por especialistas: estamos vivendo revolução no que diz respeito às alterações no mercado produtivo global. Esse fenômeno vem acompanhado de ampla visão tecnológica, pois é nesse prisma que estão os alicerces dos principais investimentos no mercado. Portanto, é correto afirmar que se essa transformação está ocorrendo com rapidez impressionante, os segmentos envolvidos precisam acompanhar o movimento, auxiliando na construção de modelos que permitam garantir desenvolvimento, geração de emprego e renda aos brasileiros.

Digo isso porque, recentemente, tivemos duas ocasiões emblemáticas no Grande ABC: os fechamentos das fábricas da Ford e da Toyota, em São Bernardo, são reflexos de alterações profundas nos padrões de negócios atuais – o momento exige estudo, união e inovação. Longe de culpar governos, apenas. Este é problema de todos os setores: do poder público, do mercado e, inclusive, da academia, braço fundamental no que diz respeito às transformações sociais. Se no Grande ABC a indústria automobilística reinou por décadas, esse fenômeno não é mais realidade, embora a Mercedes-Benz, a Volkswagen, a General Motors e a Scania ainda sejam propulsoras do desenvolvimento regional, o sinal de alerta precisa estar ligado. As gerações que estão chegando impõem novos modelos e hábitos, exemplo que posso citar são os aplicativos de transporte, Uber e 99, por exemplo. Muitos preferem usar o serviço ao invés de manterem as despesas de veículo próprio.

Não há mais tempo a perder. Ou a sociedade brasileira trata este assunto com prioridade, ou, certamente, teremos consequências devastadoras do ponto de vista da qualificação de mão de obra, fim de muitas das atuais profissões, desemprego ainda maior e verdadeiro caos social, que retardará o crescimento global de forma assustadora nas próximas décadas. Certamente, o tripé poder público, mercado e universidade precisa encontrar novo modelo econômico capaz de promover desenvolvimento, emprego, renda e, sobretudo, inovação nas propostas. Há necessidade de ter olhar à frente do nosso tempo para vislumbrar modelos que se moldem às necessidades da sociedade contemporânea, oferecendo condições para o livre mercado, com governos desburocratizados e que invistam em infraestrutura e tecnologia, tendo a academia como difusora do conhecimento.

Taka Yamauchi é engenheiro.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Opinião **Página:** 2